



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

GABRIEL PEREIRA DE OLIVEIRA

O USO DOS JOGOS DE LINGUAGEM POR WITTGENSTEIN E A INAUGURAÇÃO DA
VIRADA LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA.

ANÁPOLIS - GO

2022

GABRIEL PEREIRA DE OLIVEIRA

O USO DOS JOGOS DE LINGUAGEM POR WITTGENSTEIN E A INAUGURAÇÃO DA
VIRADA LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia sob a orientação do Prof^o. Me. Gessione Alves da Cunha

ANÁPOLIS - GO

2022

RESUMO

A Filosofia da Linguagem busca compreender o modo operante da relação entre linguagem e mundo, pensamento e realidade. Neste trabalho tem-se como busca esta operação a partir das argumentações filosóficas de Ludwig Wittgenstein. De maneira objetiva é apresentado os dois métodos elaborados por ele nesta busca sobre o que é linguagem e como ela modela a nossa realidade. Iniciando-se pela Teoria Pictórica da Linguagem, a pesquisa irá fazer uma ponte de como esta teoria é desconstruída pelo próprio Wittgenstein quando o mesmo abandona esta concepção ao tratar agora a linguagem como um jogo de tabuleiro. Ao explicar um jogo de linguagem e suas características é possível formular uma inauguração da virada linguístico-pragmática, que tem como foco a compreensão do significado como uso prático. Este trabalho foi realizada através de uma pesquisa bibliográfica e busca compreender a transição existente entre essas duas formas de entender a linguagem.

Palavras-chave: linguagem; filosofia, linguístico-pragmática.

ABSTRACT

The Philosophy of Language seeks to understand the working mode of the relationship between language and the world, thought and reality. In this work, this operation is sought from the philosophical arguments of Ludwig Wittgenstein. In an objective way, the two methods developed by him are presented in this search on what language is and how it shapes our reality. Starting with the Pictorial Theory of Language, the research will make a bridge of how this theory is deconstructed by Wittgenstein himself when he abandons this conception by now treating language as a board game. By explaining a language game and its characteristics, it is possible to formulate an inauguration of the linguistic-pragmatic turn, which focuses on the understanding of meaning as a practical use. This work was carried out through a literature search and seeks to understand the transition between these two ways of understanding language.

Keywords: language; philosophy, linguistic-pragmatics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O ENTENDIMENTO DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM PARA O PRIMEIRO WITTGENSTEIN.	9
2.1. A Teoria da Figuração no <i>Tractatus Logico-Philosophicus</i>	11
2.2. Críticas à teoria da figuração e da linguagem ideal, uma abordagem à caminho do segundo Wittgenstein.	16
3. OS JOGOS DE LINGUAGEM E O MÉTODO FILOSÓFICO ABORDADO EM INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS.	19
3.1. A linguagem como um jogo de tabuleiro.	21
3.2. O pluralismo de um jogo de linguagem e o início da pragmática.	25
4. A VIRADA LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA E A TEORIA DO SIGNIFICADO COMO USO.	29
4.1. O início da virada linguístico-pragmática	31
4.2. A Teoria do Significado como uso	33
4.3. A linguagem pragmática como função comunicativa	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Ao observar a história das civilizações é possível nos depararmos com um aspecto comum em todas elas, que é a presença da língua enquanto forma de expressão como construção civilizatória. A língua é algo intrigante, misterioso, místico e chega até mesmo ser filosófica. Por esse carácter expressivo que a língua assume é que formamos a linguagem, construção de um pensamento de uma determinada língua. Deste modo, estudar de maneira filosófica a língua, a linguagem e o pensamento é um fato interessante que não se pode deixar de ser observado aos olhos da razão.

É diante desta perspectiva que surge os questionamentos de como a linguagem e a realidade se encontram, se eles possuem limites ou então se elas são uma coisa só. Diversos são os filósofos que estudam e estudaram essa relação entre linguagem e realidade, e dentre eles encontra-se um dos maiores influenciadores da Filosofia da Linguagem, Ludwig Wittgenstein. Esse trabalho monográfico tentará mostrar por meio de argumentações filosóficas que tragam a contribuição, bem como a relação existente na própria filosofia de Wittgenstein para o modo de pensar do homem contemporâneo.

No entanto, há duas linhas para este mesmo filósofo uma voltada mais para a analítica da linguagem centrada na obra do *Tractatus Logico Philosophicus* (WITTGENSTEIN, 2001), configurando-se a uma filosofia da figuração, e outra focada nas *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1999), adequando-se a uma filosofia pragmática da linguagem. E esta última em detrimento daquela será o ponto central desse estudo filosófico, pois o giro de indagações que preenchem o ser humano sobre a linguagem e o mundo está voltado para o uso que o mesmo realiza da linguagem e, a saída que o Wittgenstein encontra para tal problema filosófico é a construção dos jogos de linguagem.

Ao tratar destes dois pensamentos tão distintos Wittgenstein constrói uma nova perspectiva da linguagem e da realidade, o primeiro é mais pautado na lógica formal, visando as estruturas proposicionais como representação dos fatos do mundo. Já no segundo, encontramos o que OLIVEIRA vai nomear de *Reviravolta Linguístico-Pragmática* (1996), fincada muito mais em uma base usual da linguagem com uma natureza regida por um jogo de linguagem, de forma que o pensamento, a linguagem e o mundo não sejam meras essências e dependentes de uma estrutura lógica, mas variada de acordo com o contexto.

Para tratar especificamente do assunto desta pesquisa e assim aprofundarmos no que seria essa inauguração da virada linguístico-pragmática, faz-se necessário dar uma

pinçada no “primeiro” Wittgenstein aquele que elaborou diante do contexto do Congresso de Viena uma filosofia da linguagem mais fincada em uma lógica formal, chamado de atomismo lógico. A obra que reflete esse pensamento está contida no *Tractatus Logico-Philosophicus*.

O *Tractatus* vem a ser um modelo ontológico da linguagem, quando ele revela a concepção pictórica ou figurativa da linguagem. Isso se dará com a construção de um novo estatuto da lógica com um foco na filosofia tradicional/ lógica formal. Além disso, a presente obra demonstra o que se chama de limites da linguagem e defini-los é tarefa concebida a própria linguagem na sua relação com o mundo. Com um jeito diferente e de um método analítico, Wittgenstein, constrói e reformula uma nova maneira de englobar a Filosofia da Linguagem. Surge, portanto, uma linguagem representacional, calcada em modelos dos factos –“A figuração lógica dos fatos é o pensamento” (WITTGENSTEIN, 2001, §3); maneira concebida por ele de configurar um determinado estado de coisas no mundo e, essa forma é mostrada a partir de uma estrutura lógica matemática (MIGUENS, 2007). É aquilo a qual chamou de isomorfismo estrutural.

Não obstante, as apresentações feitas no percurso do *Tractatus* põe em cheque o próprio filósofo que ao chegar aos limites da linguagem e na filosofia como atividade de clarificação lógica do pensamento (MIGUENS, 2007, p. 140). A questão que ficou foi: Será que é possível conceber uma natureza lógica formal da linguagem, em que proposições são estruturas, perfeitamente simétricas, dos fatos? É reconhecendo essa autocrítica a sua filosofia que surge um novo Wittgenstein, totalmente diferente da anterior, inaugurando a filosofia pragmática, uma nova perspectiva de linguagem e realidade.

As abordagens adotadas pelo Wittgenstein (II) adotam uma roupagem diferente, porém a problemática fundamental permanece a mesma. O pensamento que Wittgenstein (II) desenvolve nesta segunda fase é totalmente oposta à primeira, apesar de buscar por uma natureza da linguagem, a forma de expressão e o método de explicação é radicalmente distinta, não havendo, desse modo, um desenvolvimento linear entre esta segunda fase e a primeira (OLIVEIRA, 1996, p. 117).

Investigações Filosóficas é a obra produzida para referenciar esta nova forma de fazer filosofia. Vale lembrar que ela foi publicada após a sua morte (1951). No entanto, os efeitos que ela traz para toda Filosofia contemporânea vai além do tempo. E o que carrega de tão novo essa publicação a ponto de ser totalmente diferente da forma de pensar do *Tractatus*?

Em primeiro plano, o modelo canônico defendido pelo *Tractatus* torna-se inválido, pois a natureza puramente lógica do pensamento e conhecimento faz com que nenhuma linguagem usual seja pensada no contexto a qual deve ser posto em prática. Essa teoria da

linguagem dogmática se contrapõe a teoria do significado como uso nas *Investigações Filosóficas*. A linguagem passa então a assumir uma concepção mais pragmática, considerando a partir de agora o pensamento como atividade. Além disso, a linguagem assume um posicionamento anti-essencialista.

Distante deste isomorfismo entre o pensamento e o mundo, a linguagem passa a ser concebida de acordo com o uso e contexto, regido por regras não privadas e por semelhanças de família e a tudo isso Wittgenstein (II) chamou de jogos de linguagem, núcleo do pluralismo. Nesse sentido, o objetivo da teoria do significado como uso passa a ser a compreensão da natureza da linguagem, do pensamento e da filosofia, rejeitando aquela concepção idealizada de linguagem e assumindo uma perspectiva pragmática.

Desmembrando-se dessa configuração pictórica da linguagem e tomando a pragmática por excelência, Wittgenstein assume uma filosofia de um modo mais usual, não com conceitos ou definições acabadas e com questões já resolvidas, mas sim a visão de uma filosofia com um modelo mais terapêutico, a qual vise atribuir pela linguagem o caráter usual da atividade do pensamento entre a linguagem e a realidade.

Toda essa forma única de Wittgenstein de pensar não só altera a filosofia do seu tempo, mas constrói uma nova filosofia, principalmente no momento em que o mesmo realiza essa Reviravolta da Pragmática. Essa transição é reflexo de sua própria postura de vida e de seu entendimento que a linguagem prática não tem como corresponder a realidade em estruturas alicerçadas entre o verdadeiro ou falso, mas sim em modelos que reflitam o seu contexto de uso em que foi inserido a partir de regras funcionais do contexto a qual a linguagem se aplica.

Dessa forma, traçaremos na pesquisa este caminho itinerário passando pela filosofia da figuração, abordando seus principais pontos, e explicitando os motivos que fizeram o filósofo abandoná-la. Como se constrói esse jogo de linguagem e as inclinações que o levaram a assumir o significado como uso; algo essencial para a compreensão da realidade diante de seu contexto mais pragmático. Após isso, é necessário fincar a base desse jogo de linguagem pela regra de ouro que o filósofo argumenta, que é a semelhança de famílias e como o método aplicado por ele acaba sendo algo importante para inaugurar essa nova maneira de entender a linguagem e o mundo. Com isso, farei uma ponte para discutir como se procede essa virada linguístico-pragmática e as razões que fazem acontecer esta mudança. Ao realizar as considerações finais, pretende-se alcançar como resultado a imensa contribuição filosófica que o método de investigação do Wittgenstein nos trouxe e como o uso dos jogos de linguagem é mais uma maneira de compreendermos o funcionamento daquilo que conhecemos como mundo.

2. O ENTENDIMENTO DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM PARA O PRIMEIRO WITTGENSTEIN.

O entendimento da Filosofia e de seus questionamentos nos diversos campos que ela atinge da capacidade relacional e racional do homem, diversifica toda a temática filosófica. Não temos uma única maneira de fazer filosofia, mas temos várias maneiras de filosofar. Na Antiguidade o homem tematiza o Ser, na Modernidade o conhecer e na Contemporaneidade a linguagem. Não são meras ordens cronológicas e evolutivas, e muito menos formas acabadas de compreender o nosso mundo. Mas, são formas que ultrapassam as linhas temporais e desembocam em discussões tão atuais como essa que aqui será exposta.

Conhecer esse introdutório é importante para configurarmos o entendimento da discussão central da filosofia contemporânea e o que a levou a chegar a tal ponto. Nos movimentos e escolas filosóficas que se inauguram nos tempos contemporâneos há uma diversidade de questionamentos, mas a maioria deles tem algo em comum que é a linguagem. Iniciada por filósofos como Platão e Aristóteles que já despertam diante de um estudo da linguagem para a compreensão do mundo real, é a partir da crítica da razão pura e da matematização das ciências, que o estudo da linguagem como filosofia toma moldes e estruturas próprias.

O desenvolvimento das ciências matemáticas e lógicas foram essenciais para o começo da filosofia da linguagem, no final do século XIX e início do século XX, que tentara pesquisar de que forma o nosso entendimento de mundo é estruturado e modificado pelo emprego da linguagem. Afinal de contas, essas visões filosóficas que perpassaram as diferentes maneiras de relacionar a linguagem com aquilo que é pensado, é resultado do contexto histórico-filosófico daquela época. Há uma certa proliferação de linguagens, desde a física até a psicanálise de Freud. E tudo isso, só demonstra a amplitude que a discussão da linguagem nos leva a adotar.

Mas, o que é linguagem? Qual o sentido relacional que é adotado entre aquilo que se pensa, que se fala e se comunica? Por que a filosofia adota a discussão linguística para entender o mundo? Esses são apenas um dos muitos questionamentos que podemos apresentar sobre a filosofia da linguagem. Para os filósofos, a linguagem é de extrema importância para que se possa compreender o *homo loquens*, o homem como o ser que fala. Toda a pesquisa filosófica que trata da linguagem assume pontos de vistas singulares sobre o que é a linguagem, pode-se articular uma visão semântica da linguagem; gnosiológica, social e psicanalítica. Todas elas

interpretam a linguagem naquele mundo próprio e diante de sua finalidade para dizer o que é linguagem, pensamento e mundo.

Com a fundamentação das ciências, preocupação da filosofia moderna, os resquícios ou resultados disso influenciam em um movimento filosófico da época a qual chamamos de positivismo lógico. Os estudos da lógica são fundamentais para esse movimento que de algum modo tentara substituir a filosofia tradicional por uma orientação filosófica pautada na lógica e na antimetafísica. Isso respinga na visão semântica da linguagem, que vai formular uma estrutura de linguagem e mundo baseada nessa concepção de que o mundo é a linguagem e a linguagem é o mundo.

Nesta perspectiva, as teorias filosóficas categorizadas no positivismo lógico deveriam possuir o mesmo rigor que as ciências lógicas possuíam. É tanto que, o conceito de linguagem que vai ser adotado é por demais factual e rigoroso, não dando margens ao contexto ou ao uso que a linguagem possa adotar, mas tão somente ao formalismo que ela possui. A consequência disso tudo veio do Círculo de Viena, que teve como representantes Moritz Schlick e Otto Neurath, além deles temos a participação de filósofos da linguagem como Gotto Frege e Bertrand Russel. A visão da linguagem que esses dois últimos adotaram é totalmente dentro dos padrões da lógica empirista e revelam o mundo não como composição usual da linguagem, mas; relacional (ZILLES, 2001, p. 10-13).

Com isso, eles vão estabelecer que a filosofia deveria exercer o papel de elucidar as significações e excluir tudo que fosse obscuro da linguagem filosófica tradicional, aquela enraizada em termos não lógicos representacionais, mas sim metafísicos. Juntamente com esses filósofos do Círculo de Viena, teremos um dos maiores expoentes da filosofia da linguagem, Ludwig Josef Johann Wittgenstein, conhecido como Ludwig Wittgenstein. A importância desse filósofo para a filosofia da linguagem ultrapassa os limites históricos de sua breve vida. Influenciado pela filosofia do Círculo de Viena, Wittgenstein, desenvolve sua tese de doutorado no estudo da natureza da linguagem à procura de uma demarcação limítrofe da linguagem a partir de uma concepção lógica funcional.

A sua dissertação doutoral foi intitulada de *Tractatus Logico-Philosophicus* e foi publicada em 1922, com a intenção de demonstrar com clarividência as fronteiras entre o que pode ser dito de modo racional e a diferença que deve ser evitada. Portanto, a linguagem nessa sua visão teria uma função, a de ser designativa. É por isso, que estudiosos fazem uma ponte de semelhanças entre os objetivos que Kant pretendia em sua lógica transcendental e a filosofia da linguagem adotada pelo Wittgenstein do *Tractatus*, enquanto que para este temos um discurso factual, ou seja estudo de proposições para o entendimento da realidade como condição

de verdade, para aquele o conhecimento é tido como factual. O *Tractatus* não é uma obra simplesmente sobre lógica e linguagem, mas uma condição de reflexão sobre a realidade e sobre o ser.

Nesse contexto, o *Tractatus* tem por finalidade estabelecer os limites do que podemos pensar e do que poderíamos representar pela linguagem. É por esse motivo, que Wittgenstein utiliza dos estudos da lógica e da matemática para encontrar uma saída que reflita nessa sua visão linguística. Desse modo, focaremos de início em uma apresentação do que se configura essa linguagem, na perspectiva filosófica de Wittgenstein, e entenderemos de que maneira ele pressupõe uma estrutura da linguagem para representar o mundo. Entender isso, só corrobora a centralidade filosófica e histórica que a linguagem assume nas discussões contemporâneas.

2.1. A Teoria da Figuração no *Tractatus Logico-Philosophicus*

De forma bem direta podemos afirmar que a tese fundamental a qual o *Tractatus* discute “é que a linguagem figura o mundo sobre o qual ela fala e a respeito do qual nos informa” (OLIVEIRA, 1996, p. 96). O primeiro passo a ser tomado então é detalhar o modo como o Wittgenstein vai defender essa tese e quais as argumentações levantadas para a compreensão existente entre linguagem e realidade. No *Tractatus* é possível encontrar um modelo ontológico de uma concepção da linguagem quando procuramos a natureza lógica da própria linguagem. É por isso, que o filósofo utiliza um método mais voltado para uma análise analítica da linguagem, se comportando assim, dentro de uma tradição mais objetiva da linguagem.

Mesmo com a utilização desse método, ou até mesmo como afirma Manfredo Araújo de Oliveira que a tese de Wittgenstein é uma radicalização das doutrinas de Frege, é preciso entender, no entanto, que a orientação dele não é simplesmente uma continuação dos pensamentos de Frege, mas uma própria análise da linguagem voltada para as sentenças ao invés dos nomes. Pois, os nomes, de acordo com essa tese, só tem significação nas sentenças.

Com essa metodologia de estudo, ele vai tecendo esse modelo de linguagem na consistência de explicar o que é o mundo. É, por essa razão que se inicia a exposição do *Tractatus* dizendo que “o mundo é tudo que é caso”, em outras palavras isso significa dizer que o mundo é aquilo que acontece em um conjunto de factos e não de coisas (MIGUENS, 2007, p. 127). Essa diferença que é dada entre o conjunto de factos e o estado de coisas que ele trata

é devido à perspectiva que o mesmo assume quando trata da referência do que seja um estado de coisas – conteúdo descritivo das frases – daquilo que é um facto – a realidade. Essa diferença é primordial para que possamos entender a delimitação do pensável para o dizível.

Nesse sentido, o estado de coisas se constitui como atalho daquilo que possivelmente ocorre e o fato seria o espaço lógico, algo que realmente ocorre. Sendo assim, a categoria fundamental para a expressão do mundo é o fato. Em relação ao estado de coisas, Wittgenstein, afirma que “é a ligação de objetos” (WITTGENSTEIN, 2001, §2.01) e os “objetos são simples” (*Idem*, §2.02) “diante da forma que o são na possibilidade de aparecimento em um estado de coisas” (*Idem*, §2.0141). Por isso que os objetos formam no estado de coisas um relação de cadeia e essa forma é a possibilidade de estrutura que se encontra no descritivo das frases.

“A estrutura do fato é constituída pelas estruturas dos estados de coisas” (*Idem*, §2.034), a partir disso, ele constrói uma base para aquilo que chamamos de configuração estrutural de objetos. Em outras palavras, o mundo nos apresenta determinada informação e essa mensagem nos vêm através de um estado de coisas, que por sua vez, possui uma estrutura de relação das determinadas situações que nos são expostas, e tudo isso é originado de uma natureza e espaço lógico. Por esse viés, é que posso falar da estrutura da totalidade do estado de coisas. É desse modo que ele planifica as bases do que chamou de teoria da figuração do mundo, conhecida por uma concepção pictórica da linguagem.

Nessa configuração de Wittgenstein podemos nos perguntar o que de fato seria o mundo, e na sua visão, o mundo não é uma junção qualquer de coisas, até porque o estado de coisas é relacional e se compete a um outro estado de coisas; mas o mundo real é um espaço lógico em que se pensa outros mundos possíveis. E dentro desse espaço estão os fatos que formam o mundo real. Por isso é necessário tanto afirmar que nós pensamos o mundo e fazemos figurações representativas desse mundo (OLIVEIRA, 1996, p. 100-101).

A teoria da figuração do mundo ou concepção pictórica da linguagem é o modelo central que tematiza a discussão do *Tractatus* visando demonstrar a relação existente entre linguagem e pensamento. Tendo como exposição inicial já tratada anteriormente, percebemos que o mundo é tudo aquilo que acontece e que o caso que é o facto, é a existência de estados de coisas; o que seria então o pensamento? A imagem lógica dos factos. O pensamento seria a proposição com sentido. E a proposição consistiria em uma função de verdade das proposições elementares (MIGUENS, 2007, p. 128-129). É por isso que a proposição assume como modelo, pois como Wittgenstein afirmou “Fazemo-nos imagens dos factos”, a esta compreensão é necessário entender a proposição como modelo lógico e subjetivo da relação entre linguagem, pensamento e mundo.

Wittgenstein não oferece uma resposta direta ao problema de sentido e referência de Frege e Russel, como alguns estudiosos passam a tratar com criticidade a sua obra *Tractatus*, mas ele formula uma teoria das formas lógicas que figura os factos da realidade total. Sendo assim, a figuração é um modelo da realidade e a sua estrutura é determinada a partir da vinculação dos elementos da figuração.

Mas, afinal de contas o que seria essa figuração dos factos pela proposição? É uma correspondência entre o mundo e o pensamento. É o que ele chamou de imagem ou diretamente do alemão de *Bild*, e essa correspondência é de natureza lógica e determina a forma da realidade. Toda essa estruturação tem como pano de fundo encontrar os limites da linguagem a partir de proposições elementares que forneçam a correspondente de verdade em consonância a minha realidade.

É a partir dessa estrutura que havemos de falar em um certo isomorfismo estrutural entre o mundo e a linguagem. Como uma identidade estrutural um determinado mundo funciona como um espelho de um outro mundo, formando essa identidade. Mesmo que possuíssemos objetos diferentes em mundos diferentes a sua configuração continua sendo a mesma. Sendo pois, um determinado mundo aquilo que conhecemos por real e o outro mundo o dos pensamentos condizentes com o primeiro mundo da realidade. Para bem entendermos observemos esse exemplo:

Consideramos dois modelos de mundo: primeiro chamamos M1 e nele temos, primeiramente, as constantes descritivas individuais: “a”, “b”, “c”, tendo os correspondentes ontológicos individuais: a, b, c. Um exemplo monádico f, a que corresponde uma qualidade, por exemplo ser rico, e um predicado diático R, a que corresponde um relação, por exemplo, amar. Nosso mundo teria, então, os seguintes fatos atômicos: a ama a si mesmo e a c; c ama a e o rico b, o qual só ama a si mesmo. (...). Ao lado de M1 escolhemos um segundo modelo M2, que pertence a um campo completamente diferente. Neste caso, as constantes descritivas individuais seria α , β , γ , o predicado monádico g, e o predicado diático T, a qualidade é ser independente, a relação barbear. (...) α barbeia-se a si mesmo e barbeia γ ; γ barbeia α e o independente β , que se barbeia a si mesmo e só. (...) Comparemos, agora, ambos os mundos. O primeiro que temos a notar é que há uma coincidência formal nas constantes (...) ambos possuem a mesma estrutura interna. (...) além da idêntica estrutura interna se realiza também a identidade da estrutura externa. (...) e M2 pode ser considerado uma figuração isomórfica de M1 (OLIVEIRA, 1996, p.102-103).

Este exemplo configura que mesmo os mundos sendo completamente diferentes a sua estrutura lógica é a mesma e o isomorfismo acaba acontecendo, pois, há uma identidade categorial e estrutural entre o mundo e o pensamento (linguagem). É por esse motivo que a estrutura do pensamento, segundo essa teoria, corresponde à estrutura do mundo. Nesse véis, a forma que iria sustentar essa estrutura seria a forma lógica, tendo em vista que ela é a forma

da realidade, ou em outras palavras a natureza da linguagem.

A linguagem toma para si uma conotação de natureza especular pois há assim uma verdadeira simetria entre o seus elementos ou proposições elementares com os elementos do mundo. A essa correspondência entre o pensamento e o mundo há uma teoria da verdade que afirma ou nega as proposições diante de uma correlação funcional entre os fatos e a realidade. Uma explicação melhor sobre essa correspondência encontra-se no Dicionário de Filosofia da seguinte forma: “Doutrina segundo a qual a verdade consiste na adequação, no acordo ou na C. de termo entre o pensamento ou o conhecimento ou entre as proposições linguísticas, de um lado, e a realidade ou os fatos de outro (...)” (ABBAGNANO, 2007, p. 250).

A linguagem para Wittgenstein do *Tractatus* é representacional devido a este ponto da correspondência. Uma forma clara de entendermos como funciona essa tese seria a seguinte: há uma proposição – o papagaio está a direita do homem – e no fato correspondente seria verídico o papagaio está a direita do homem. A isso é que chamamos de isomorfismo estrutural. Desse modo, teria como verdade a correspondência entre uma proposição com um fato. Mas de que maneira são compostas as proposições? Para obtermos essa resposta é preciso entender que para Wittgenstein “A linguagem espelha o mundo” (MIGUENS, 2007, p.135) e, isso nos permite interpretar que nos ditames de construção entre o mundo e a linguagem, essa é a figuração representativa.

A lógica assume, portanto, o papel de espelho “é como uma régua aposta à realidade” (WITTGENSTEIN, 2001, §2.1512). Com isso a figuração é também forma lógica e o pensamento se assemelha a esta figuração lógica dos fatos. “A figuração é um fato” (*Idem*, §2.141). Tendo em mente esse ponto, podemos dizer que “as proposições são compostas funcional-veritativamente a partir de proposições atômicas” (*Idem*, § 3.13), ou seja são imbuídas de uma estrutura lógica que revela a natureza da linguagem. De uma espécie de átomos lógicos que se organizam em diversos arranjos que dão o encadeamento aos fatos. Mesmo diante de sentenças complexas em fatos complexos eles se arranjam a partir dessas estruturas lógicas mais simples (atômicas). Essa é a maior influência de Russel na filosofia do *Tractatus*, refletindo essa tríade da linguagem do positivismo lógico.

A relação existente entre o pensamento e o mundo está nessa afiguração lógica. Ora aquilo que pensamos e realizamos está na estrutura lógica do mundo. Por isso, que ao pensar estamos fazendo figuração do mundo real, “Pensar é afigurar” (OLIVEIRA, 1996, p.106). E no enlace do pensamento está a própria linguagem que está, por sua vez, associada à proposição fazendo uma referência direta e específica com o mundo real.

A estrutura do pensamento encontra-se nas proposições significativas e a figuração dos

fatos são os pensamentos. É por esse motivo que Wittgenstein afirma que “A totalidade das proposições é a linguagem” (WITTGENSTEIN, 2001, §4.001), pois o mundo como um verdadeiro fato e a frase também como uma correspondência do fato, acabam por expressar o próprio pensamento do mundo. Com isso tem-se que os elementos os quais compõem as frases são empregados os signos posicionais e fazem referência descritiva do pensamento (linguagem) em uma configuração particular da expressão mundo (ZILLES, 2001).

É assim que a linguagem como figuração do mundo mostra algo e um algo de sentido e sua estrutura é a forma lógica na possibilidade da afiguração dos elementos proposicionais, com isso “A proposição é modelo da realidade tal como pensamos” (WITTGENSTEIN, 2001, §401). Essa é a chave que em tese formula os limites da linguagem, dando a entender a totalidade que outrora falara sobre o mundo como fatos e estados de coisas logicamente possíveis.

Para Wittgenstein a lógica apresentaria a ordem do mundo que seria algo de comum entre o pensamento e o mundo. A linguagem então é uma amostra da realidade, do mundo em si como constituído de fatos. E as sentenças em articulação são expressões simples ou complexas do mundo que está sendo representado. Isso levaria a cabo dizer que todas as proposições são generalizações das proposições elementares. A linguagem então passa a descrever o mundo como ele é e não o mundo como deveria ser. Portanto, o que é o mundo? É a manifestação da linguagem que não é dito, mas aquilo que é. Isso é dito pelo próprio filósofo em questão:

“A proposição mostra, se for verdadeira, como algo está” (WITTGENSTEIN, 2001, §4.022).

“Todas as proposições de nossa linguagem corrente são, de fato, tais como são, perfeitamente ordenadas de um ponto de vista lógico. Tudo o que for mais simples e que devemos aqui admitir não é símile da verdade, mas a própria verdade plena” (*Idem*, §5.5563).

“Os limites da minha linguagem denotam os limites de meu mundo” (*Idem*, §5.6).

Ao expressar essa teoria pictórica da linguagem, Wittgenstein, revoluciona e traz à tona toda a sua influência filosófica herdada do positivismo lógico. Contudo, o mesmo percebe falhas nas suas argumentações desenvolvidas nessa tese outrora apresentada e por causa disso decide abandonar essa filosofia considerada por ele mesmo como acabada. Em busca de novas respostas filosóficas as suas indagações, ele começa a construir críticas a esse modelo filosófico, demonstrando com um novo arranjo filosófico para explicar a configuração existente

entre pensamento e mundo. Surge assim, o segundo Wittgenstein.

2.2. Críticas à teoria da figuração e da linguagem ideal, uma abordagem à caminho do segundo Wittgenstein.

Uma das primeiras argumentações do segundo Wittgenstein em relação ao primeiro é a sua desconstrução a uma tradição filosófica, cujo o conjunto de sua obra do *Tractatus* pertence. Isso é expressado logo de cara pelo próprio filósofo no início de sua obra *Investigações Filosóficas*, quando ele passa a tratar o seu modo de pensar antigo, como ultrapassado e truncado em falhas que não desvendaram o verdadeiro uso da linguagem, “[...] pareceu-me dever publicar juntos aqueles velhos pensamentos [do *Tractatus*, R.P.C.] e os novos, pois estes apenas poderiam ser verdadeiramente compreendidos por sua oposição ao meu velho modo de pensar, tendo-o como pano de fundo.” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 26).

Como forma de abandonar essa forte tradição filosófica na linguagem é preciso interpretar o que levou Wittgenstein a tecer uma própria crítica a sua filosofia desenvolvida na teoria pictórica da linguagem. É perceptível quando se estuda o *Tractatus* a maneira sistemática que o autor desenvolve suas ideias, desde a maneira estrutural do livro em si, até a forma de organização dos limites da linguagem que se encerram na relação representacional, por meio da lógica, entre a linguagem e o mundo, ou em outras palavras entre o dizer e o mostrar. Essa mudança chega a ser considerada por alguns estudiosos como radical, quando passamos a considerar o conteúdo e a estrutura de organização de *Investigações Filosóficas*. E por que se preocupar com a forma de organização de estudo? Qual a crítica que pode ser levantada em questão? (CAVASSANE, 2009).

A priori podemos relatar que no *Tractatus* encontramos expressões truncadas, aforismos categorias que tratam do mundo, do estado de coisas e do pensamento como formas limitantes. Com essa sistematização passamos a entender que a nossa realidade é condicionada a linguagem existente, limitando a linguagem a um uso formal, ou até mesmo ideal, não levando em hipótese as diversas línguas e contextos históricos de desenvolvimento da linguagem. Esse tratamento formal da linguagem é bastante criticado pelo segundo Wittgenstein que passa a tratar a linguagem em uso e não em forma.

Essa revelação de estrutura é tão interessante que até mesmo o propósito filosófico de Wittgenstein é drasticamente mudado, enquanto no primeiro ele traz uma forma acabada de

filosofia, tratando até mesmo com prepotência filosófica de dizer que resolveu de vez todos os problemas filosóficos a partir da figuração da linguagem; no segundo, somente afirma que seu objetivo filosófico é de estimular o pensamento e não formular teses prontas e acabadas.

É preciso notar, além disso, que na primeira tese formulada temos uma filosofia com caráter científico, tratando o pensamento como algo exato. E bem sabemos que a nossa forma de compreender o mundo acaba diferindo de indivíduo para indivíduo, pois a maneira como recebo e interpreto o mundo é diferente, porque a linguagem adotada pode ser diferente, o uso que eu atribuo a determinada sentença proposicional pode ser diferente de outra pessoa. Com isso, não se trata mais da natureza da linguagem como essência única e formadora da realidade, mas como modificadora da realidade, pois a linguagem muito influencia no modo de pensar, mas não é a responsável direta pela estruturação do pensamento.

É por esse motivo que ele passa a tratar em *Investigações Filosóficas* a filosofia como atividade terapêutica, pois a função da filosofia não é trazer a verdade única e inquestionável, mas pelo contrário ela tem a função de desenvolver o pensamento humano, auxiliando na construção crítica do homem acerca do mundo em que vive. Isso pode ser verificado pelo próprio Wittgenstein quando afirma o seguinte:

“[...] não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Não deve haver nada de hipotético em nossas considerações. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 65).

Outra crítica tratada pelo próprio Wittgenstein em relação a tese do *Tractatus* é quanto ao uso da linguagem ideal. Isso é por causa de seu embate em relação a tradição filosófica, pois ela vê o mundo como uma cadeia lógica de fatos entre a linguagem, o pensamento e o mundo. Esse modo vigoroso, por assim considerar, acaba caindo por terra quando Wittgenstein trata isso como ideal, pois não diz acerca da realidade como ela é, mas como deveria ser. Constitui assim, uma natureza ideal da linguagem e não real, ora considerar que uma proposição diz exatamente o que se tem na realidade é limitar os fatos, e afirmar que quando não há correspondência é falso é condicionar todo o nosso mundo a uma realidade de cadeia lógica. É contra esse pensamento que o segundo Wittgenstein constrói sua nova forma de entender filosofia da linguagem (CAVASSANE, 2009).

A linguagem ideal é então vista como aquela linguagem perfeita, uma espécie de perfeccionismo. Em *Investigações Filosóficas*, encontramos a parte que ele critica essa linguagem ideal, quando o mesmo afirma, “O ideal está instalado definitivamente em nossos

pensamentos [...] De onde vem isso? A ideia é como óculos assentados sobre o nariz e o que vemos, vemos através deles. Nem nos ocorre a ideia de tirá-los” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 64). É possível compreender, desse modo, que para entender o mundo nem sempre precisamos dos óculos e que ao tirarmos, por mais deficiente que possa ser, ainda assim você compreenderá o mundo diante de uma perspectiva diferente da estrutura que lhe é apresentada, dependerá de algum modo somente do uso.

Quanto ao rigorismo da linguagem é perceptível a crítica contida ao referencialismo da linguagem. Na tese da filosofia pictórica da linguagem afirmamos que os nomes contidos nas sentenças são designações de um estado de coisas que representam os fatos, ou seja o mundo, e isso formula o pensamento por meio do sentido relacional daquele objeto que está sendo referenciado em questão. Isso é próprio do positivismo lógico, algo que o segundo Wittgenstein critica bastante.

A lógica serve na linguagem somente para construir uma linguagem ideal e isso nos conduz ao erro. Porque acaba por soar como se a linguagem ideal fosse algo melhor e mais verdadeiro do que a linguagem corrente ou usual. Nesse sentido, a lógica surge de um interesse de compreender o fundamento ou essência de tudo o que é dado na experiência e não nos factos ocorrido na natureza de maneira casual. Isso torna-se ponto de crítica até mesmo para os problemas filosóficos tradicionais como, a existência do não-ser e a possibilidade do falso, por causa do uso lógico e rigorista da coisa em si, e isso no fundo só revela a má compreensão da linguagem pelo desconhecimento de sua forma lógica autêntica e da maneira como ela se relaciona com o ideal.

Essas críticas são pontos que vão conduzir o Wittgenstein a formulação de uma nova teoria da Filosofia da Linguagem que tratará a linguagem como contexto e uso. De fato parece que encontramos dois homens completamente diferentes, pois os pensamentos elaborados são antagônicos, mas ao mesmo tempo em essência há uma só busca a da natureza da linguagem e a sua abordagem na formulação do conhecimento.

3. OS JOGOS DE LINGUAGEM E O MÉTODO FILOSÓFICO ABORDADO EM *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS*.

Ao publicar o *Tractatus*, em 1921, Wittgenstein acabou perdendo o interesse no seu próprio trabalho filosófico, reassumindo somente em 1929 com uma nova e genial forma de entender o seu campo de estudo. Nessa inaugural fase é elaborada *As Investigações Filosóficas*, publicada somente após a sua morte, em 1953. Não é somente uma nova oportunidade de demonstrar o seu pensamento como se fosse algo já existente, mas é uma filosofia, totalmente, oposta a filosofia tradicionalista e do atomismo lógico, sendo até mesmo sinal de contradição. Por isso, há uma ideia de falarmos em um segundo Wittgenstein, pois as diferenças sejam na estrutura da obra sejam no modo operante de entender a linguagem, dar-se a entender que de fato existiu duas pessoas opostas (SPANIOL, 1989).

O primeiro sinal de mudança está na busca da própria pesquisa filosófica assumida. Ele deixa de procurar uma estrutura essencial da linguagem para entendê-la em seu sentido usual ou contextual diante do que ele tratou como o ter-em-mente. Com isso, podemos resumir que o objetivo que está contido em *Investigações Filosóficas* é a de que a linguagem não tem uma essência singular, mas é na verdade um conjunto de estado de coisas que desempenham determinada atividade com vínculo a um uso servindo a uma determinada situação.

Com isso ele tenta abordar as questões da linguagem e do pensamento com um sentido distinto daquele tratado lá no *Tractatus*, este explica o isomorfismo da linguagem-pensamento-mundo como se fosse um modelo pronto e acabado, calcado em uma noção lógica dos pressupostos; aquele, torna-se o melhor crítico da teoria da linguagem, do pensamento e do mundo. Há assim, uma quebra com aquela teoria dogmática e de certa forma idealizada de uma linguagem designativa¹.

O método wittgensteiniano adotado em *Investigações* é essencialmente antissistemático e por vezes a linguagem utilizada em sua obra é por demais bagunçada de entender e acaba revelando que não é algo completo e acabado, mas sobretudo uma maneira de pensar as mais diversas situações e ações que o nosso ter-em-mente propõe diante do entendimento e do significado da linguagem em uso. Inicialmente, ele traz uma temática de crítica a função designativa e instrumentalista da linguagem. Como foi explanado no capítulo anterior a

¹ Entende-se por linguagem designativa “realizada por meio do caráter designativo da linguagem: as palavras são significativas na medida mesma em que designam objetos” (OLIVEIRA, 1996, p. 119).

linguagem sempre foi vista pela tradição como uma forma de mediação necessária do homem para nomear os objetos. Essa era a visão, por exemplo, de Santo Agostinho que atribuiu as palavras o efeito da essência das coisas aprendidas a partir do sons que elas emitem, sendo então sujeito da essência.

É interessante notar a seguinte descrição “Wittgenstein não vai negar o caráter designativo da linguagem, mas vai rebelar-se fortemente, contra o exagero da tradição” (OLIVEIRA, 1996, p.119), Manfredo conseguiu entender na sutileza das palavras de Wittgenstein logo nos primeiros parágrafos de *Investigações Filosóficas*, que as palavras tem sim sua função de designar e é importante que assim atribuam sentido aos objetos, todavia, não é a essência da linguagem ser instrumento de designação. É, por isso, que no *Tractatus* a realidade é entendida como uma designação da linguagem.

Isso tudo limita a própria Filosofia da Linguagem e, por entender esse limite que o filósofo põe sobre a mesa a função da filosofia como uma constante luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem. E para essa “libertação” ele propõe o abandono da concepção substancial do entendimento, por uma concepção funcional da linguagem. Ora, com isso o signo utilizado na linguagem torna-se não meramente uma exposição de noções perfeitamente lógicas – adotadas pelo positivismo lógico -, mas algo com sentido ou significado em uso (ZILLES, 2001).

A linguagem passa então a ser usada não mais em seu caráter reducionista como expressava a teoria pictórica da linguagem, mas passamos a ver que a luz da razão no entendimento das palavras é fortemente ligada a um significado em uso. No entanto, nesta visão o caminho que se trilha é de uma natureza da linguagem vinculada a uma nova concepção de entendimento da relação entre pensamento- linguagem-mundo. Saímos das fronteiras da linguagem “perfeita” e ideal e chegamos no porto da linguagem como situação em seus diferente meios de uso.

“O ponto de partida, o ponto de referência, o cerne da reflexão linguística de Wittgenstein deixa de ser a linguagem ideal para se tornar a situação na qual o homem usa sua linguagem; então, o único meio de saber o que é linguagem é olhar seus diferentes usos” (OLIVEIRA, 1996, p.132).

Wittgenstein acreditava que havia falhado na formulação da linguagem pelo atomismo lógico, pois não houve um certo cuidado e atenção para o correto discernimento de como a linguagem verdadeiramente funciona. Analisar a linguagem de maneira simples, a partir de fatos elementares para se chegar a uma verdade por correspondência, é por demais limitante.

Nesse contexto, percebemos que a linguagem não é algo centralizado em uma busca filosófica por uma unidade da linguagem, podendo até ser difícil de se realizar, porque há uma imensidão de fatos e de estado de coisas a ser analisado segundo um determinado princípio e de acordo com as mais diversas imagens usuais que a linguagem pode proporcionar (COSTA, 2008).

O pensar passa a tentar abranger e explicar como acontece o compreender e o ter em mente, para isso é preciso entender o objetivo de seu método que é responder a questão da possibilidade da linguagem e do pensamento. E isto, acontecerá caso se esclareça o pensar, o compreender e o ter em mente como emprego de sinais. A finalidade seria, nesse sentido, não o conhecimento dos fatos em si, mas a plena compreensão dos fatos conhecidos (ZILLES, 2001).

Conforme esse método, o então filósofo, procura superar os problemas filosóficos utilizando de uma linguagem cotidiana. E essa linguagem não tem uma natureza puramente idealista e definida, mas é regida por regras próprias que são determinantes por um uso e significado. É por este viés que ele diz, “Queremos estabelecer uma ordem no nosso conhecimento do uso da linguagem: uma ordem para uma finalidade determinada; uma ordem dentre as muitas possíveis; não a ordem”(WITTGENSTEIN, 1999, §132). E por este ordem que ele explica a compreensão do pensamento como um uso de sinais e, por conseguinte, torna-se o argumento para a construção das quatro imagens sobre a natureza da linguagem.

Este ordem que agora se fala é o resultado disciplinar dos problemas filosóficos gerados pela má compreensão da linguagem, que conseqüentemente, gera a má compreensão da sociedade. Isso é importante para o entendimento do método aqui aplicado por ele, pois em *Investigações* não se encontra mais um mecanismo referencial da linguagem, mas uma linguagem da multiplicidade dos usos.

Desse modo, linguagem e filosofia assumem um novo papel, e o que antes era entendido como a linguagem por uma verdade de correspondência ou figuração dos fatos, agora nos é apresentado uma natureza da linguagem do cotidiano, usual, rica em seus significados regida por regras próprias como em um jogo de tabuleiro.

3.1. A linguagem como um jogo de tabuleiro.

No início de *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein descreve sobre um ensino ostensivo das palavras (associação direta entre palavra e coisa/objeto), e a partir disto o mesmo questiona

qual seria a finalidade da palavra. Pela interpretação levantada o fundamental das palavras não está contido na relação referencial, mas no proferimento. Para explicar isso ele constrói quatro imagens: os pedreiros, as ferramentas, as alavancas e as cidades.

Cada imagem por ele explicada visa o entendimento de uma única coisa que é a multiplicidade existente dos diferentes usos que a linguagem proporciona, pelo proferimento das palavras. Como em um jogo de tabuleiro que há diferentes peças com diversas funções e cada qual desempenha a sua função determinada pelo uso de quem as utiliza, e os que jogam compreendem o que está sendo realizado, por entender as regras do jogo. A isso ele chamou de *jogos de linguagem*.

Com esse novo pensamento ocorre um total abandono do ideal de exatidão da linguagem, rompe-se com um certo limite da linguagem, pois ela não tem fronteira definitiva no uso das palavras. Essa formulação de determinação é própria do *Tractatus*, que considera a linguagem comum como indeterminada e por isso se constrói uma linguagem superficial. No segundo Wittgenstein, esse ideal é mitológico, pois ele não está interligado com o uso em situações cotidianas da linguagem, carecendo de sentido. Faz-se, portanto, necessário a consideração do contexto social em que as palavras estão sendo utilizadas (OLIVEIRA, 1996).

Na imagem das ferramentas é possível compreender o que é esse contexto pelo uso, pois assim como em uma caixa de ferramenta a diferentes objetos, dessa forma, existe também diferentes funções das palavras. Falar em uniformidade das palavras é trazer a tona o sentido de especulação, algo que não deve ocorrer no processo filosófico. Por isso, palavras sem uso e usadas isoladas de uma determinada situação é sem vida.

A partir desta concepção da linguagem como algo que deve ser constitutivo de uma função, damos o nome de forma de vida. Pois, ela assume um papel de expressões comunicativas dos seres humanos, a prática, a práxis de linguagem como ação. Não se deve falar de linguagem como algo artificial e morto, pelo contrário, a linguagem é viva, comunicativa e dinâmica. É, nesse contexto, que compreendemos o porquê dele denominar essa multiplicidade de usos como jogos de linguagem.

Na assimilação do conceito de jogos de linguagem é preciso abstrair que na linguagem humana compreende-se não somente as expressões da linguagem, mas também as ações decorrentes desta atividade. Sendo assim, jogo de linguagem é o conjunto de associações resultantes da ligação entre a linguagem e a atividade por ela desempenhada (JÚNIOR, 2017).

Wittgenstein passa então a tratar em *Investigações Filosóficas* a apresentação de exemplos que tratem sobre os jogos de linguagem. O primeiro são aqueles puramente linguísticos, como cubo, coluna, chapa e trave; pois, eles são designações soltas de objetos sem

determinação contextual. Segundo são os parceiros de conversa, A e B, os quais revelam a presença da comunicação, que é a linguagem como ação. E terceiro a situação linguística, a forma de vida, a qual apresenta o contexto de uma construção civil, quando alguém pede algum objeto a um outro elemento auxiliar. Esses elementos aqui exemplificados são importantíssimos para o entendimento de como acontece um jogo de linguagem, porque o mesmo só ocorre de fato quando há um contexto ou situação entre os interlocutores da comunicação (OLIVEIRA, 1996).

Diferentemente como se pensa, para fins de estudos hoje falamos de um conceito de jogos de linguagem, mas para Wittgenstein ele não formula um conceito pronto e acabado do que seja, mas exemplifica-o para não cair na intenção de um essencialismo da coisa. Por outro lado, as imagens que ele formula sobre os jogos de linguagem segue por assim dizer uma linha de regra e forma de vida para adquirir o uso pelo contexto da linguagem.

Ao fazer um comparativo entre o primeiro Wittgenstein com este de agora poderíamos dizer que o de antes existia um modelo canônico de linguagem e o segundo, há um pluralismo dos jogos de linguagem (MIGUENS, 2007). Fala-se de pluralismo porque existe diversos níveis de complexidade e generalidade da linguagem e, por assim dizer há múltiplas formas de depreender sobre a atividade que está associada com a linguagem (JÚNIOR, 2017).

No jogo de linguagem não ocorre a unificação da estrutura lógica formal, pois não tem como ter uma proposição que traga consigo todas a linguagem, mas ela nos é apresentada de maneira segmentada. E os segmentos são múltiplos entre si, sendo cada qual um jogo de linguagem. Quando passamos então a comparar um jogo de linguagem com um outro o máximo que conseguimos obter é um grau de parentesco, uma espécie de “semelhança de família” (ZILLES, 2001).

A escolha de Wittgenstein para explicar a linguagem através de um jogo é por causa de dois aspectos interessante de compreendermos, que é o desempenho da atividade social e as regras que um jogo possui. Nesse sentido, para entender o significado de uma palavra em um certo jogo de linguagem é preciso entender o conjunto de regras que ela possui, ou seja o uso que esta palavra está inserida.

Para compreender a linguagem na visão do primeiro Wittgenstein é preciso utilizar da lógica, porém para compreender o uso ou emprego das palavras no pensamento pelo segundo Wittgenstein ocorre pelo uso da gramática, em que o mesmo entende como sendo a história natura dos termos. É pelo conjunto destas regras específicas nos diferentes jogos de linguagem que se entende o significado das palavras no sentido pragmático de uma linguagem.

Os jogos de linguagem mostram como a linguagem funciona, a partir do pluralismo dos

sistemas linguísticos que são formulados. O conceito de jogos de linguagem possui três sentidos por assim dizer: o de um modelo de uma linguagem primitiva, que se constitui como uma unidade funcional linguística e se encontra na totalidade das atividades linguísticas (OLIVEIRA, 1996).

Para o segundo Wittgenstein os jogos de linguagem não são únicos e acabados, possuindo todos as mesmas características, pelo contrário são diferentes entre si. Todavia, um jogo de linguagem pode compartilhar com outro algumas características ou semelhantes, mas em essência um jogo não é “comum” a um outro. Entender isso que ele chamou de semelhança de famílias é importante na compreensão do que seja constituído um jogo de linguagem. Portanto, um jogo de linguagem é parente de um outro, compartilhando em estrutura, mas não possuem uma propriedade comum entre si.

“Exemplificando isto com o caso da própria linguagem, quer isto dizer que não há uma mesma característica que seja partilhada por todos os jogos que a constituem. Repara-se que isto não implica negar que cada um dos jogos de linguagem não deva ter características comuns com outros jogos. Mas quer defender que o que não há é absoluta igualdade entre dois jogos de linguagem quaisquer: não existe qualquer “essência comum”. Assim concebidos, os jogos de linguagem são parentes uns dos outros de maneira diversa[119], isto é, eles formam uma família de casos[120] que caem sob o mesmo conceito, mas que têm a característica de não possuir uma propriedade comum” (JÚNIOR, 2017, p. 47).

Desse modo, semelhança não é identidade e por isso que a exatidão de um conceito está limitado pelo uso dele. O conceito usado por nós sem o uso torna-se um conceito vago e, assim, a noção de uso acaba sendo um operador conceitual. Por conseguinte, é preciso utilizar dos jogos de linguagem tratando de descrever os usos considerados possíveis e reais da linguagem e da atividade.

3.2. O pluralismo de um jogo de linguagem e o início da pragmática.

A pluralidade de um jogo de linguagem não é estática, mas dinâmica, revelando o aspecto de movimento que um jogo possui. Por assim dizer não há um limite exato de quantas frases ou sentenças deva possuir um jogo de linguagem. Esse pluralismo vai modelando uma nova imagem da linguagem, pensamento e mundo, agora passamos a tratar a linguagem e o pensamento como consequência de um contexto social, interativo e comunicativo entre os homens. É por causa disso que os jogos de linguagem formam novos tipos de linguagem.

“Os jogos de linguagem não só são muitos, mas podem mudar: “Quantas espécies de frases existem?(...) Há inúmeras de tais espécies diferentes de emprego daquilo que chamamos de ‘signos’, ‘palavras’, ‘frases’. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos” (ZILLES, 2001, p.85).

Wittgenstein entende que o pluralismo dos jogos de linguagem é fato importantíssimo para o entendimento do significado como uso. Além disso, é bom entendermos que a linguagem pensada por ele é sempre uma parte de uma atividade, ou seja de uma forma de vida. É assim que ele considera essa pluralidade² no modo do ter em mente do homem.

Em *Investigações Filosóficas*, há uma corrente preocupação do filósofo em desconstruir o uso designativo e instrumentalista da linguagem por, justamente, a linguagem como um jogo, em sentido do uso como significado. É por isso que ele compara a designação como um etiquetar alguma coisa, disto não pode sair aprendizagem como ele mesmo falara, mas é preciso sair deste campo da definição exata, para adentrar aquilo que necessariamente precisa de um contexto para explicar a realidade em que se vivencia.

Nesse processo há uma busca proposital de uma essência da linguagem, mas não seria contraditório para o segundo Wittgenstein procurar uma essência da linguagem? De início sim, mas aqui utilizo o termo proposital, ou seja por esta busca ele pretende ratificar a ideia de que a linguagem não pode ser concebida como uma essência substancial e formal, pois ela é múltipla, cheia de vários caminhos (JÚNIOR, 2017).

² De acordo com o Dicionário de Filosofia, pluralismo “Na terminologia contemporânea, designa-se frequentemente com este nome o reconhecimento da possibilidade de soluções diferentes para um mesmo problema, ou de interpretações diferentes para um mesmo problema ou conceito, ou de uma diversidade de fatores, situações ou evoluções no mesmo campo” (ABBAGNANO, 2007, p. 892).

Outro aspecto presente em um jogo de linguagem é a regra, a qual funciona como uma direção. Ele pretende com isso tornar um jogo de linguagem esclarecedor, para isso demonstra alguns exemplos que irão explicar melhor o uso de regras para um jogo.

“Um jogo de linguagem como (2) é jogado com o auxílio de uma tabela. Os sinais que A dá a B são sinais escritos. B tem uma tabela; na primeira coluna encontram-se sinais escritos que são usados no jogo; na segunda, figuras das formas das pedras de construção. A mostra a B um desses sinais escritos; B procura-o na tabela, olha figura que está ao lado etc. A tabela é uma regra segundo a qual ele se orienta para executar a ordem. – Aprende-se a procurar uma figura na tabela por meio de um treino, e uma parte deste treino consiste em que o aluno aprende a percorrer a tabela com o dedo horizontalmente, da esquerda para a direita; aprende pois, por assim dizer, a traçar uma série de traços horizontais” (WITTGENSTEIN, 1999, §86).

Neste exemplo, Wittgenstein está tratando da imagem de dois pedreiros que em uma construção utilizam as palavras lajota, tijolo etc. É interessante notar que diante desse contexto a regra estabelecida pela comunicação dos interlocutores muito tem a nos dizer, o traçado realizado por aquilo que se dá de A para B ou de B para A é entendido por aquelas palavras pronunciadas neste jogo de linguagem específico. Agora, se porventura essas palavras fossem utilizadas em uma sala de aula, por exemplo, o significado a elas atribuído deveria ser outro, sendo assim considerado um outro jogo de linguagem.

Através de um jogo de linguagem percebemos um desfazer, e em que sentido atribui-se esse “desfazer”? Antes encontrávamos uma linguagem de caráter representacional, que fazia uma ponte entre o seu caráter expressivo e o seu sentido através de um ato de mental e do querer-dizer. Desta vez, tem-se uma teoria não-representacional e não-mentalista da linguagem (MIGUENS, 2007). Esse desfazer é na verdade um construir, pois agora a visão que se toma da linguagem é a pragmática.

Jogo de linguagem é assim dito para Wittgenstein como linguagem e ação, a prática é algo essencial da linguagem, mesmo ele refutando o essencialismo da linguagem, é perceptível que na formulação do que seja um jogo de linguagem essa função pragmática que a partir de agora ela vai se moldando. No jogo, o indivíduo age, não como algo isolado conforme sua própria liberdade, mas sim de acordo com regras e normas que em conjunto com outros indivíduos estabeleceram. Nesse sentido, uma comunidade só surge no próprio ato de jogar, quando esta reconhece as regras e aceitam os seus devidos papéis (OLIVEIRA, 1996).

Apesar disso, da existência de regras e formas de vida que compõem um jogo de linguagem, os indivíduos não atuam de forma mecânica e sem o uso da reflexão, mas no uso de sua liberdade atuam como sujeitos que pensam na práxis da linguagem que utilizam. Dessa

forma, “a linguagem é ação comunicativa entre sujeitos livres, e, por isso, radicalmente diferente dos processos mecânicos naturais” (*Idem*, p. 144), é por essa razão que falamos de anteriormente que para compreender a linguagem de um jogo se utiliza da gramática, mas entendida como história natural dos termos, ou seja na construção comum da história humana, não na compreensão normativa que era utilizada na teoria pictórica da linguagem.

Diante de toda essa construção do que seja um jogo de linguagem, como então funcionaria na realidade um jogo? Jogando. A linguagem só funciona realmente quando jogamos e usamos os diversos jogos de linguagem. É jogando o jogo que realmente aprendemos, suas regras. Mais uma vez é isso que de fato conhecemos como forma de vida, pois faz parte da vida comunicativa e da interação social do homem adentrar na linguagem por meio do seu uso em contexto.

Para o segundo Wittgenstein a linguagem agora é instrumentalista, porque ela não é apenas um meio para se chegar a um fim com significado, pois o que passa a determinar a significação é o fim e, este poderíamos dizer que seja o real sentido do que ele considerou como jogo de linguagem. Há, portanto, uma afirmação do que tratamos no início deste capítulo que é o afastamento e a total rejeição a teoria expressa no *Tractatus*. Por esta via, retratada pelo segundo Wittgenstein a palavra passa a ter sentido na forma como ela é usada, sendo, pois, determinante a sua função exercida no jogo de linguagem (OLIVEIRA, 1996).

Pode-se assim deduzir que esta concepção linguística traz à tona o principal questionamento aqui levantado: De que modo os jogos de linguagem solucionam as problemáticas filosóficas? Um jogo de linguagem quando expressa a sua pluralidade nos termos assim empregados é notório assim dizer que diante das palavras proferidas surge um determinado problema filosófico, que diz respeito muito mais a função que a Filosofia desempenha no contexto do significado como uso, do que no conteúdo em si.

Em Wittgenstein parece haver uma metafísica, de modo mais profundo, uma ontologia referenciada no aspecto da linguagem, mesmo ele não tratando diretamente sobre isso, autores como Urbano Zilles, irá até mesmo descrever sobre o aspecto místico que a linguagem desempenha na perspectiva deste filósofo. Todavia, não faz parte do discurso aqui apresentado este tipo de discussão, mas é importante descrever tendo em vista o papel que a filosofia assim desempenha por meio dos jogos de linguagem.

Os problemas que assim surgem são derivados de uma concepção errônea da linguagem. O mal uso da linguagem, simplesmente como mecanismo truncado de suas palavras, não só não revela o sentido real da coisa em si, mas também faz nascer problemas filosóficos – considerados por Wittgenstein, como insolucionáveis – atrapalhando o modo de operar da

linguagem e da filosofia. Por isso, é preciso compreender as motivações que o fizeram dizer que a filosofia deva exercer uma atividade terapêutica, pois ela liberta o ser humano de seus enfeitiçamentos linguísticos, fruto da não compreensão funcional de um jogo de linguagem.

“É necessário examinar a linguagem a partir de seu uso, considerando os jogos de linguagem, suas regras, seu contexto (...). Os problemas filosóficos se originam assim em grande parte de uma consideração errônea, equivocada, da linguagem e de seu modo de funcionar” (MARCONDES, 2004, p.42).

Dessa forma, percebe-se o modo de funcionamento de um jogo de linguagem e como ele está presente no cotidiano e, de que modo ele se relaciona com a atividade terapêutica da Filosofia. Wittgenstein vai assim construindo em *Investigações Filosóficas* o início da solução dos problemas semânticos, que por sua vez só se resolvem quando atingem o nível da pragmática. Este “novo” Wittgenstein faz uma reviravolta na linguagem, ao abrir portas para uma discussão ampla e favorável no desenvolvimento da Filosofia Contemporânea. Mesmo não tendo desvelado, totalmente, o sentido de uma linguagem cotidiana, fixando numa perspectiva ainda metodológica da linguagem, ele faz uma virada linguístico-pragmática que assume papéis fantásticos na Filosofia (OLIVEIRA, 1996).

4. A VIRADA LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA E A TEORIA DO SIGNIFICADO COMO USO.

A linguagem tornou-se uma discussão central da Filosofia Contemporânea, pois o homem tenta superar o seu tradicionalismo que até então estava fincado em uma ontologia e em uma teoria do conhecimento. Isso não significa dizer que os estudos da linguagem não tenham existido e, as concepções metafísicas e do conhecimento tenham sido abolidas, pensar desta maneira é por demais limitante. Contudo, a centralidade da linguagem é fruto de uma vasta discussão, a qual o ser pensante encontra frente às suas problemáticas as soluções necessárias para as mais diversas tematizações da existência humana.

K.-O Apel afirmara que a linguagem acabou se transformando em algo do interesse coletivo das escolas filosóficas, principalmente devido à sua vastidão diante dos temas seja na metafísica, na ética e até mesmo na antropologia. Tratar com fundamentos precisos sobre a linguagem é escavar a raiz da própria filosofia. Essa guinada ou virada da filosofia rumo à linguagem, não se enquadra necessariamente em algo novo e acabado, mas traz à luz da razão um novo campo de pesquisa da filosofia, antes de ser uma virada linguístico-pragmática, ela passa a ser uma virada filosófica (OLIVEIRA, 1996).

Quando Wittgenstein trata sobre os jogos de linguagem redefinindo o uso das palavras e dos seus sentidos, ele nos revela uma mudança profunda no questionamento filosófico. O que antes era tido como a busca pela causalidade, passa-se agora a perguntar pelo uso da palavra mediante aquela causalidade. A validade dos questionamentos são levantados tendo em consideração não mais a confiabilidade tão somente do conhecimento, porém trata-se por este momento das condições das sentenças e de suas articulações com o sujeito.

Essa reviravolta linguística é o cumprimento sério e real de que uma reflexão filosófica é tomada por um filosofar à linguagem. Passamos, de certo modo, a pensar sobre as expressões linguísticas, sobre a significação dos termos, sobre uma análise da linguagem etc. A linguagem, dessa forma, adquire um novo espaço, um novo horizonte que amplia os saberes do homem e na sua existência identifica aquilo que o segundo Wittgenstein tratou quando revela o real papel que a Filosofia precisa desempenhar, o desvelar dos problemas filosóficos gerados pela má compreensão das expressões linguísticas.

“Pouco a pouco se tornou claro que se tratava, no caso da “reviravolta linguística”

(*linguistic turn*), de um novo paradigma para a filosofia enquanto tal, o que significa dizer que a linguagem passa de objeto de reflexão filosófica para a “esfera dos fundamentos” de todo pensar, e a filosofia da linguagem passa a poder levantar a pretensão de ser a “filosofia primeira” à altura do nível de consciência crítica de nossos dias” (OLIVEIRA, 1996, p. 12-13).

Esta concepção formada da Filosofia da Linguagem como filosofia primeira é o modo operante frente as diversas realidades que possuímos no nosso tempo histórico. Apesar disso, a linguagem é vasta e não assume para si um única significação ou uma unicidade histórica, pelo contrário a linguagem por conter a língua e os signos como seus múltiplos significados contém a sua pluralidade enquanto linguagem. Por isso, é importante notarmos que na filosofia houve uma reviravolta linguística, mas dentro da própria linguagem ocorreu mudanças e transformações que lhe fizeram adotar uma virada no seu modo e na sua forma de relacionar, pensamento e mundo.

Nesse contexto, tem-se na linguagem um estudo mais analítico truncado nas expressões base de um atomismo lógico e, a este consideramos o primeiro Wittgenstein. Com as mudanças em curso e com a introdução do entendimento de um jogo de linguagem e do significado como uso pelo segundo Wittgenstein, a linguagem inicia a sua virada. Antes pensava-se em uma linguística pautada na semântica tradicional, tal como a teoria da figuração, no entanto, depara-se agora com uma concepção pragmática da linguagem.

Mas, o que é a pragmática da linguagem? “A pragmática, (...) diz respeito à linguagem em uso, em diferentes contextos, tal como é utilizada por seus usuários para a comunicação” (FILHO, 2006, p.219), a este conceito poder-se-ia afirmar que a pragmática é a linguagem em prática. Ora, quando tratamos dos jogos de linguagem em que nos referimos a estes como formas de vida, é no campo da linguagem como uso que entramos, e o que é o uso se não seja aquilo a qual chamamos de prático.

A linguagem pragmática é a linguagem do comum, e por mais que o segundo Wittgenstein não tenha tratado diretamente da linguagem cotidiana, os seus estudos em *Investigações Filosóficas* abrem espaço para essa discussão e, por isso ele assume esse papel introdutório de uma pragmática analítica da linguagem. Portanto, o entendimento de pragmático na linguagem se esboça nesta noção do sentido em uso e do uso como significado das palavras.

Na centralidade da pragmática pode-se encontrar duas vertentes de análise filosófica através do método pragmático. A primeira, diz respeito a uma noção central do contexto na análise pragmática, quando observa e examina as situações de uso que acontecem diretamente no entendimento das expressões linguísticas. A segunda entende as expressões da linguagem

como uma ação ou realização de determinados atos, ou seja o significado só é atribuído a partir do ato que está sendo realizado quando as palavras ou expressões são assim proferidas e das regras em uso no momento desses atos (FILHO, 2006).

Não irei me deter na segunda concepção pragmática da linguagem, pois neste estudo não interessa o sentido adquirido pela Toeira dos Atos e Fala de Austin, mas focaremos nosso estudo na pragmática desenvolvida pelo segundo Wittgenstein por meio de seus jogos de linguagem. De qual modo Wittgenstein assume uma forma pragmática da linguagem quando ele diz respeito aos jogos de linguagem?

4.1. O início da virada linguístico-pragmática

Ao adotar uma concepção assistemática no trato da linguagem e principalmente na formulação do significado como uso, Wittgenstein já está falando da concepção linguístico-pragmática. Seguindo a linha de pensamento da semântica de Carnap, quando este adota a heterogeneidade da linguagem, não podendo ser ela sistematizada, Wittgenstein compreende que “essencializar” a linguagem é por demais limitante e faz com que a mesma perca a sua maior característica, a multiplicidade dos jogos de linguagem. Entretanto, ele difere de Carnap, ao assumir que ser heterogêneo não nenhum problema para o pragmatismo, mas um complemento que deve ser levado em conta no momento de análise da linguagem (OLIVEIRA, 1996).

Um jogo de linguagem nunca deve ser generalizado, sendo modelo substancial e único como se fosse algo simplesmente abstrato e estruturado por redes lógicas. Isso em hipótese alguma diz respeito ao pluralismo da linguagem. É por este motivo que consideramos a concepção de Wittgenstein como pragmática, pois se enquadra naquilo que descrevemos o que vem a ser pragmático. Como o uso em um contexto, logo as análises são diversificadas pela prática que os sujeitos da comunicação estão a exercer.

“A linguagem é sempre comunicação, e a determinação do significado de uma palavra ou expressão depende da interpretação do objetivo de seu uso nesses contextos, não sendo, portanto, determinada de modo definitivo. Não podemos, assim, nunca generalizar, definindo como que uma entidade abstrata que seria o significado da palavra. Essa impossibilidade de generalização e a ênfase na consideração do contexto são alguns traços fundamentais que levam a considerar a concepção wittgensteiniana como pragmática” (FILHO, 2006, p.222).

Esta virada pragmática é reflexo de uma construção sobre o que seria pensamento para o Wittgenstein de *Investigações*, o qual revela a natureza do pensamento, dar vida a sinais. O pensamento seria assim a capacidade que o ser humano possui de usar os sinais linguísticos de forma organizada, e não simplesmente uma representação mental de um outro mundo. E o que há de pragmático nisso? Ora, tudo. O ato de pensar é uma atividade, ou seja ação da linguagem. Por ser uma atividade não pode fazer um juízo de valor correspondente ao que seja pensamento e linguagem como verdadeiro ou falso, mas a depender da ação vai ser considerado útil ou inútil. Isso insere o pensamento em uma esfera de algo que é prático (MIGUENS, 2007).

O pragmatismo ganha espaço no segundo Wittgenstein como forma de um modelo de linguagem, que na verdade são os múltiplos e facetados jogos de linguagem. Enquanto na teoria pictórica encontramos a lógica como estrutura formadora de um modelo do isomorfismo estrutural, que refere-se a natureza representacional do pensamento e mundo, no jogo de linguagem tem-se como proposta reveladora da linguagem o seu efeito pragmático.

Essa concepção, no entanto, não deve ser entendida em seu sentido abstrato. Pois o próprio Wittgenstein não tinha esta concepção em mente. A noção, por exemplo, de semelhança de famílias nos jogos de linguagem não é somente suposições existenciais, mas formas de vida que possuem ação e, conseqüentemente, pensamento em um sentido contextual, ou seja sentido pragmático. “Wittgenstein considera, assim, que a análise filosófica deve trazer as palavras do plano metafísico para o uso comum” (FILHO, 2006, p. 222).

Esta nova concepção filosófica é exatamente o que aqui atribuímos como virada linguístico-pragmática. Nesse sentido, nasce da consideração do que é comum, prático, do cotidiano a obtenção da linguagem como forma pragmática do pensamento. E este método não acaba em Wittgenstein, mas nasce nele como modelo para uma filosofia da linguagem que visa o pragmático, não somente no campo do analítico, mas nos demais campos do conhecimento (SPANIOL, 1989).

Na reviravolta pragmática a teoria do significado como uso – concedida por Wittgenstein a partir de um jogo de linguagem – é essencial para entendermos o motivo que levou o então filósofo a assumir essa postural radicalizada da filosofia da linguagem. O significado como uso diz respeito ao proferimento das palavras e ao modo como elas se articulam no contexto usual do interlocutores, é preciso compreender isto para entender a influência de Wittgenstein na Filosofia da Linguagem Pragmática.

4.2. A Teoria do Significado como uso

Para que se possa compreender a Teoria do Significado como uso proposto por Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* é preciso inicialmente entender o que o mesmo compreendia sobre a natureza do pensamento. No entendimento de um jogo de linguagem não é possível pensar em uma palavra meramente no seu modo de funcionar, mas é necessário que se possa ver o seu emprego e aprender com o modo que ela está sendo utilizada. Nesse sentido, é possível incorporar o entendimento sobre a linguagem como ação, pois o pensamento aqui produzido é uma atividade da coisa que se pensa, sendo assim, não se separa pensamento de fala, tal como era feito pelo primeiro Wittgenstein.

“Pensar não é nenhum processo incorpóreo que empresta vida e sentido ao ato de falar, e que pudéssemos separar do falar, da mesma forma como o vilão tirou sombra de Schlemiehl do solo. – Mas como: “nenhum processo incorpóreo”? Conheço, pois, processos incorpóreos, mas o pensamento não é nenhum deles? Não; as palavras “processo incorpóreo” serviram-me de ajuda em meu embaraço, pois queria explicar o significado da “palavra” de uma maneira primitiva” (WITTGENSTEIN, 1999, § 339).

Em outra passagem de sua obra ele vai completar o sentido que acima foi exposto para averiguar a importância que ele dá para o entendimento do pensamento na configuração da linguagem. A pragmática funciona assim no pensamento pela metodologia que as expressões linguísticas tomam no seu uso. O significado das palavras não são proferimentos alheios a uma realidade, mas pertencentes a ela. Por isso nesta teoria ele procura revelar o significado como a natureza da linguagem, do pensamento e da filosofia. Já tratamos da natureza da linguagem – ao referir as imagens que são elencadas no conceito de jogos de linguagem -, sobre a filosofia percebemos que por meio de um jogo de linguagem ela exerce uma atividade terapêutica e, agora encontramos o pensamento como reflexão do significado em uso.

As palavras, então, as quais não são vistas pelo seu emprego no uso, ou seja no contexto assinalado, ela perde sua funcionalidade. “Não podemos adivinhar como uma palavra funciona. Temos de ver seu emprego e aprender com isso”(Idem, §340), alinhado a isto percebemos o quão errôneo pode ser a má compreensão e o mal uso das palavras, quando somos tentados a possuímos a razão do conhecimento pelo mal uso da lógica.

Mas, afinal de contas, quais são as teses que Wittgenstein defende para alinhar essa

forma de pensamento como uso? Primeiro há uma total rejeição do essencialismo sobre os significados, conceitos e natureza da linguagem; segundo que ele rejeita aquela concepção idealizada da linguagem; terceiro, o pragmatismo é o centro de sua filosofia, a qual o significado é o uso; quarto, o pluralismo expresso nos jogos de linguagem nas mais diversas formas de vida; quinto, há uma refutação por parte dele ao empirismo do sentido e da mente, além disso rejeita o ceticismo³ e o solipsismo⁴ (MIGUENS, 2007).

O que antes entendia como o que é significado? Passa agora a compreender o que é a explicação do significado? Essa mudança de essência sobre o significado é importante para esta filosofia, porque retira a intenção de entender o significado como puro e passa a pensa-lo como uso. “Pode-se, para uma grande classe de casos de utilização da palavra ‘significado’ – senão para todos os casos de sua utilização -, explica-lo assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, §43). Isso legitima toda a discussão levantada sobre a reviravolta linguístico-pragmática aqui iniciada ao tratar a questão do significado como uso.

No entendimento de Wittgenstein as palavras não possuem significação para denominar algo de maneira substancial, pois o significado seria dado pelas circunstâncias linguísticas as quais seriam submetida as palavras. Além disso, as situações sociais – processo de forma de vida – seriam essenciais nesta nova forma de compreender o significado. E este compreender se encerra o saber ou o dominar algo, seria a técnica do entendimento das palavras e, isto difere do ter-em-mente (o qual seria o estado psíquico do ser humano na abstração das expressões linguísticas) (ZILLES, 2001).

Mas qual seria de fato o real problema do significado? A compreensão dos significados. Parece óbvio este entendimento de que o problema do significado reside na sua compreensão, mas vejamos que, na significação das palavras quando estas são utilizadas de maneira solta sem conexão direta a um contexto elencado, não se compreende de fato o que está sendo comunicado, mas torna-se representações pictóricas de uma realidade qualquer. Quando o significado toma para si a utilização real, por exemplo de um jogo de linguagem, ele atribui o seu uso em contexto e as expressões linguísticas e sociais por elas apresentadas tomam si o significado em uso.

Em um jogo de linguagem há no papel desempenhado pela maneira de pronunciar as

³ Ceticismo: “(...) significa busca, entende-se a tese de que é impossível decidir sobre a verdade ou a falsidade de uma proposição qualquer” (ABBAGNANO, 2007, p. 151).

⁴ Solipsismo: “Tese de que só eu existo e de que todos os outros entes (homens e coisas) são apenas ideias minhas” (ABBAGNANO, 2007, p. 1086).

palavras uma multiplicidade de tons e de expressões faciais e essa diferença reside na aplicação. É por isso que ao atribuir o uso em questão revela-se a centralidade do pragmatismo que é o significado como uso. A linguagem não pode ser formada somente por signos que se expressam de modo abstrato em forma de proposições como era estabelecido na concepção do atomismo lógico, mas é preciso perceber que a linguagem é uma ação e, por conseguinte obedece a regras sociais.

Quando Wittgenstein propõe a linguagem como uma atividade social isso implica dizer que ela é referente ao uso que os seres humanos fazem de suas palavras. E a aplicação ocorre no pluralismo de jogos de linguagem o qual realizamos. As palavras, portanto, são usadas até com conteúdo semelhantes – semelhança de famílias – mas, apresentam o seu uso diversificado. Como argumento em defesa desse ponto de vista ele lança em *Investigações Filosóficas* diversas analogias para explicar o significado como uso.

“A linguagem é por ele considerada como uma caixa de ferramentas, onde as palavras são equiparadas ao martelo, ao alicate, à serra, à chave de fendas, aos pregos etc. (...). A linguagem é comparada com uma cabine de locomotiva. (...). Sobre uma folha, as palavras são parecidas, mas suas funções são tão diferentes quanto as linhas de um mapa: umas são fronteiras; outras meridianos; outras, são ruas etc. Como o dinheiro, as palavras têm muitos usos: com aquele, compra-se pão, viaja-se, tem-se um lugar num estádio etc.; com estas, pede-se, descreve-se, informa-se etc.” (JÚNIOR, 2007, p. 51).

Nesta perspectiva a linguagem assume o seu uso, em outras palavras o significado adquire um modo pragmático de ser. Pois, para Wittgenstein a pergunta não deve ser feita sobre o que significa aquela palavra, mas qual é o significado da palavra em uso nos mais diversos jogos de linguagem que ela pode ser utilizada. O útil nesta visão é norteador para que compreenda o significado das palavras no tocante até mesmo da dimensão social da linguagem. Sendo assim, poder-se-ia concluir que qualquer palavra em uso é pragmática em qualquer jogo de linguagem?

A resposta é não. O motivo que leva uma palavra a ser compreendida em uso no jogo de linguagem é por causa da garantia de um uso ‘governado’ que as palavras possuem. Um jogo é uma forma de vida que possui uma regra e, esta é compreendida à luz da gramática do termos naturais da história humana. A gramática assume neste sentido uma função para as palavras orientando-as quanto seu uso, mas não em relação a sua determinação enquanto jogo de linguagem. Ela deve ser a ordenadora do uso, não a centralidade deste.

“Os usos que garantirão um significado às palavras são aqueles usos governados pelas regras da gramática das palavras, as quais fazem com que elas assumam uma função específica dentro dos jogos de linguagem em que elas estão inseridas. Repare-se que, desse modo, à gramática não compete dizer como a palavra tem de ser usada, mas apenas descrever o seu uso nos respectivos contextos específicos” (JUNIOR, 2007, p. 53).

A linguagem quando entende esta concepção pragmática dos mais diversos uso das palavras nos múltiplos contextos que elas estão inseridas, demonstra o limite que a linguagem pode assumir. E para o segundo Wittgenstein há uma limite para a linguagem? Ousadamente há sim, e este limite encontra-se nas linhas da fronteira da linguagem cotidiana, o que ele chamou de linguagem comum do homem. E sendo a linguagem comum ou cotidiana a forma mais abrangente das expressões linguísticas que possuímos, poder-se-ia dizer que não há limites para a linguagem. Parece contraditório e na visão da lógica silogística assim é, mas analisando o conteúdo lógico das premissas é possível concluir dizer que faz sentido.

O motivo deste sentido reside no fato que a linguagem do cotidiano é plural, pois o jogo de linguagem que está inserido nesta linguagem é diversificado e mais do que um limite é preciso entender que um jogo foi feito para ser jogado e não delimitado ou explicado, como afirma a passagem “E um jogo de linguagem, a rigor, não se explica, mas se constata, se joga. E há muitos jogos” (ZILLES, 2001, p. 90). A significação é então entendida como forma de apreensão do uso das palavras nos jogos de linguagem. Por isso que Wittgenstein diz:

“Se a significação é o uso que fazemos das palavras, então não tem sentido falar de um tal ajustamento. Ora, compreendemos a significação de uma palavra quando a ouvimos ou a pronunciamos; nós a apreendemos de golpe; e o que apreendemos assim é algo realmente diferente do ‘uso’ que se estende no tempo” (WITTGENSTEIN, 1999, §138).

Dessa forma, o significado como uso nos demonstra o início da reviravolta linguístico-pragmática que Wittgenstein assumiu quando elaborava *Investigações Filosóficas* rompendo com aquela semântica tradicional e abrindo portas para uma filosofia da linguagem inovadora. Uma linguagem mais voltada para o prático, de fato uma linguagem pragmática.

4.3. A linguagem pragmática como função comunicativa

Com a mudança de paradigma em curso o que antes entendia a linguagem como uso lógico dos termos agora passa-se a apreender a linguagem como uso. Essa guinada epistemológica da linguagem ocorre justamente por causa do passar a ter em mente que as expressões linguísticas ora formadas são práxis comum de uma realidade diversificada. Não é a língua falada e representada que torna os fatos verdadeiros ou falsos, mas sim a corroboração dos fatos são determinadas por um conjunto de regras que essa práxis comum da linguagem tem de si.

Os modos de uso de uma linguagem ou seja o jogo de linguagem é o que torna o significado como uso e assim, torna a nossa linguagem algo comum, de certo modo, pragmático. As palavras não são meros balbuciar, elas precisam estar inseridas em uma situação global, em um contexto que determine o seu pluralismo de usos. Portanto, sem a pragmática não há uma significação real das palavras e por conseguinte não existe interação social. A linguagem sem interação social é uma linguagem morta.

O ato de falar é além da repetição de símbolos que são comuns entre os sujeitos, mas é um aprender a agir, uma internalização de um modo próprio de comunicar. É por isso que é importante entender esta dimensão social que Wittgenstein diz, pois sem essa compreensão não é possível ultrapassar o pensamento que ele propôs e ficaria por assim dizer preso àquele pensamento do primeiro Wittgenstein. A plena diferença de dois modos de pensar em um só com toda certeza está nesta divergência que o próprio assumiu sobre a linguagem como ação social (OLIVEIRA, 1997).

“(...) falar é um ato social que se realiza numa comunidade de vida através de hábitos e costumes, portanto, em última análise, significa adquirir uma práxis determinada de uma determinada comunidade humana, assumir sua forma de vida, inserir-se na configuração sócio-histórica, que constitui esta comunidade enquanto comunidade” (OLIVEIRA, 1997, p. 54).

Essa citação nos sintetiza toda a discussão levantada neste capítulo, porque é preciso em um jogo de linguagem que seu uso se encontre em uma comunidade de sujeitos que interajam entre si, determinados pelas regras que a forma de vida possui. Pois o que é um jogo se não

conjuntos de ações ou regras.

Nesse sentido, Wittgenstein abre as portas para o início de uma virada linguístico-pragmática, sendo agora caminho para uma nova maneira de fazer Filosofia. Com conceitos ainda em aberto toda a reflexão wittgensteiniana gira em torno do conceito de uso e agora a própria Filosofia Contemporânea toma para si as discussões deste filósofo para ampliar este conceito-chave de uso.

A linguagem pragmática é uma ação da comunicação e com isso pode-se refletir que aquilo que faz parte do comum do prático é que faz as coisas valerem o seu fazer. O uso e o prático mesmo sendo conceitos diferentes chegam a se confundir, por que o que é o uso se não aquilo a qual pode-se tornar prático. E é por meio disto que a teoria wittgensteiniana passa a considerar a linguagem, como práxis comunicativa, a qual expressa a mediação intersubjetiva do homem (OLIVEIRA, 1997).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da transição do primeiro Wittgenstein para o segundo torna-se essencial para o entendimento de sua Filosofia da Linguagem. Não é uma simples passagem de pensamento e de anulação qualquer, mas é uma forma de fazer filosofia olhando de um outro ângulo, com perspectivas novas e até mesmo críticas de uma mesma pessoa confrontando a si mesmo. É por isso, que trata-se didaticamente de primeiro e segundo Wittgenstein, pois o confronto é tão distinto que chega a parecer ser duas pessoas. Todavia, o seu trabalho consolidado nesta duas formas de pensamento são imprescindíveis para a gnose da relação entre linguagem e a realidade.

No *Tractatus Logico-Philosophicus* foi possível perceber a linguagem como definição da realidade. É construído uma teoria pictórica da linguagem, também conhecida como teoria da figuração, em que os elementos atômicos ou proposicionais são idênticos aos termos da realidade. A linguagem passa a ser uma configuração representacional da realidade. É tanto que nela se estabelece uma critério de teoria da correspondência, em que proposições verdadeiras são definidas como aquelas em que os termos são idênticos aos objetos figurados.

Essa teoria possui a lógica formal como base de sua estrutura formacional e encontra na linguagem os limites que a ela são impostos. Nessa perspectiva, a linguagem possui fronteiras definidas e ela própria limita a realidade as seus fatos expressos. O questionamento que aqui foi levantado é se esse tipo de linguagem e de entendimento filosófico é considerado válido diante das mais diversas linguagens e meios comunicativos – e pode-se dizer até mesmo de meios linguísticos – existentes nos dias de hoje.

Essa resposta foi apresentada pelo próprio Wittgenstein quando ele encontra críticas ao que considera como linguagem ideal, pois ela não ocorre no concreto. A estrutura instrumentalista da linguagem que a limita a fatos simples ou até mesmo fatos complexos, porém fatos sem contexto e sem uso, torna de certo modo, a linguagem obsoleta. Fundamentado essa crítica é vai ser formulado as *Investigações Filosóficas*, obra que vai tratar sobre a natureza da linguagem a partir de uma nova visão filosófica.

A linguagem passou a ser tratada como um jogo de tabuleiro, composto por regras e casos e a isso tem-se o nome de jogo de linguagem. Neste trabalho o centro foi a caracterização de um jogo de linguagem e como a transição aconteceu de primeiro para o segundo Wittgenstein. Sendo esta, uma passagem até radical, devido a o completo abandono do filósofo

as estruturas da teoria pictórica da linguagem. O jogo de linguagem ele leva em consideração as mais diversas formas e usos de fazer da linguagem, e isso é regido pelas regras do contexto comunicativo estabelecido pelo uso das palavras.

As palavras não são simples balbuciação, mas são postas em um uso e possuem significado, por isso foi tratado nesta pesquisa sobre a teoria do significado como uso, porque ela é essencial para fundamentar as características e as imagens que são reveladas devido a um jogo de linguagem. E essa teoria do significado como uso demonstra o pluralismo que a linguagem assume. Não é uma linguagem definidora da realidade, mas uma linguagem que está na prática da realidade, por isso o nome de pragmática.

Essa nova forma de pensamento traz a segunda centralidade desta pesquisa que é a inauguração da virada linguístico-pragmática. Antes houve por Frege a virada linguística, agora com o segundo Wittgenstein ocorre a virada linguístico-pragmática, por isso é inaugural. É possível perceber no estudo de *Investigações Filosóficas* como ele trata do comum que o jogo de linguagem vai assumindo para a filosofia, é por este viés que ela se torna muito mais uma atividade terapêutica do que uma atividade acadêmica. A visão que se constrói da filosofia é de libertação do encantamento das proposições lógicas.

A influência que isso assume na vivência filosófica da contemporaneidade é imensa, ela vai se ramificando em outras teorias que tem como base essa estrutura pragmática da linguagem iniciada por Wittgenstein. Filósofos como John Austin, Martin Heidegger, John Searl e entre outros são inovadores que fundamentam suas teorias na fonte do pragmatismo de Wittgenstein. Dessa forma, é possível considerar como positivo, mesmo diante de falhas encontradas na teoria dos jogos de linguagem, a contribuição filosófica que se extrai desse papel que a linguagem admite diante do seu pluralismo linguístico na própria realidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

CAVASSANE, R. P. **A natureza da crítica do segundo Wittgenstein à tradição filosófica**. *Filogenese*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 72-81, 2009.

COSTA, C. F. **Filosofia da linguagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007. 58 p.

FILHO, D. M. de S. **A teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem**. *Filosofia Unisinos*, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 3, p. 217-230, set/dez. 2006.

JUNIOR, G. F. de A. **10 lições sobre Wittgenstein**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 97p.

MARCONDES, R. P. **Filosofia analítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004, 69 p.

MIGUENS, S. **Filosofia da linguagem – uma introdução**. 1. ed. Porto: Faculdade de letras da Universidade do Porto, 2007.
Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4180.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2022.

OLIVEIRA, M. A. de. **Reviravolta Linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1996. 427 p.

_____. **Sobre a fundamentação**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. 108 p.

SPANIOL, W. **Filosofia e método segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1989. 152 p.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 207 p.

_____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 294 p.

ZILLES, U. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 100 p.

